



**DUPLICAÇÃO AVENIDA IRENE
SILVEIRA COSTA**
MEMORIAL DE CÁLCULO DE DRENAGEM
PLUVIAL

JUNHO DE 2023

Referências Cadastrais

Cliente	Prefeitura Municipal de Pouso Alegre
Localização	Pouso Alegre, Minas Gerais
Título	Duplicação Viária da Avenida Irene Silveira Costa – Memorial de Cálculo de Drenagem Pluvial
Contato	Augusto Hart
E-mail	obrasmpamg@gmail.com
Líder do Projeto	Felipe Guimarães Alexandre
Coordenador	Denis de Souza Silva
Projeto/centro de custo	167/2021
Data do documento	16/06/2023

Responsável Técnico – Projetos

Aloisio Caetano Ferreira	
Nº CREA: MG 97.132/D	Engenheiro Hídrico e Civil

Coordenação

Denis de Souza Silva	
Nº CREA: MG 127.216 /D	Engenheiro Hídrico

Isenção de Responsabilidade:

Este documento é confidencial, destinando-se ao uso exclusivo do cliente, não podendo ser reproduzido por qualquer meio (impresso, eletrônico e afins) ainda que em parte, sem a prévia autorização escrita do cliente.

Este documento foi preparado pela Dac Engenharia com observância das normas técnicas de Pouso Alegre e em estrita obediência aos termos do pedido e contrato firmado com o cliente. Em razão disto, a Dac Engenharia isenta-se de qualquer responsabilidade civil e criminal perante o cliente ou terceiros pela utilização deste documento, ainda que parcialmente, fora do escopo para o qual foi preparado.

Índice

Sumário

1. ESTUDOS HIDROLÓGICOS	1
1.1. METODOLOGIA APLICADA.....	1
1.2. MÉTODO RACIONAL	1
1.2.1. COEFICIENTE DE ESCOAMENTO SUPERICIAL.....	2
1.2.2. TEMPO DE CONCENTRAÇÃO E PERÍODO DE RETORNO.....	3
1.2.3. INTENSIDADE DE PRECIPITAÇÃO	3
1.2.4. VAZÃO	4
2. PROJETO DE DRENAGEM.....	4
2.1. VERIFICAÇÃO DA CAPACIDADE DE ESCOAMENTO DA SARJETA	4
2.2. BOCAS DE LOBO.....	7
2.3. CANALETA TRAPEZOIDAL	7
2.4. CAIXAS COLETORAS	7
2.5. DIMENSIONAMENTO HIDRÁULICO DAS GALERIAS	7
2.5.1. POSICIONAMENTO.....	7
2.5.2. DIÂMETRO MÍNIMO	8
2.5.3. CÁLCULO DA VAZÃO NA GALERIA	8
2.5.4. VELOCIDADE DE ESCOAMENTO	8
2.5.5. CAPACIDADE MÁXIMA DA GALERIA.....	10
2.5.6. RECOBRIMENTO MÍNIMO DA GALERIA.....	10
2.5.7. CANALETAS	10
2.5.8. DESCARTE	12
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	12
Anexo I – PLANILHA DE DIMENSIONAMENTO HIDRÁULICO.....	13

LISTA DE EQUAÇÕES

Equação 1 – Método Racional.....	2
Equação 2 – Equação de Chuva Intensa	3

Equação 3 – Equação Izzard/Manning	5
Equação 4 – Velocidade	8
Equação 5 – Raio Hidráulico	9
Equação 6 – Vazão	10

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sarjeta tipo B	5
Figura 2 – Características Hidráulicas da Sarjeta	6
Figura 3 – Detalhes Hidráulicos da Sarjeta	6

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Coeficiente de Escoamento Superficial	2
Tabela 2 – Valores do Coeficiente de Rugosidade para diferentes Materiais de Revestimento	9
Tabela 3 - Dimensionamento da Canaletas.....	11

1. ESTUDOS HIDROLÓGICOS

Os estudos hidrológicos irão determinar as descargas máximas nas áreas em estudo, a fim de dar base ao dimensionamento das estruturas hidráulicas do sistema de drenagem em questão. Para isso, é necessário o diagnóstico do regime pluvial e da natureza das precipitações intensas da região, como é apresentado a seguir.

1.1. METODOLOGIA APLICADA

Para a determinação da precipitação máxima utilizou-se a equação que correlaciona os parâmetros intensidade, duração e frequência de chuvas. Essa relação permite ainda a obtenção de precipitações máximas para diferentes Tempos de Concentração – TC, e Períodos de Retorno – TR. Nas estimativas de vazões a partir de dados de chuva a grandeza utilizada é a Precipitação Excedente, pelo fato de esta contribuir efetivamente para a formação do escoamento superficial

As vazões de projeto podem ser estimadas através de métodos estatísticos diretos e indiretos. Estas metodologias são determinadas de acordo com as dimensões das áreas de drenagem, da seguinte forma:

- Sub-bacias com áreas de até 5 km²: utiliza-se o Método Racional;
- Sub-bacias com áreas entre 5 km² e 10 km²: utiliza-se o Método Racional Corrigido;
- Sub-bacias com área acima de 10 km²: utiliza-se o Método de Ven Te Chow.

Desta forma, como a bacia do projeto possui uma área menor que 5 km², utilizou-se o método racional.

1.2. MÉTODO RACIONAL

O método mais utilizado para o cálculo da vazão a partir da transformação de chuva em vazão para análise em pequenas bacias hidrográficas é o método racional, devido à simplicidade de aplicação e facilidade do conhecimento e controle dos parâmetros necessários.

Admite-se, na sua aplicação, que a chuva apresente uma intensidade constante, uniformemente distribuída sobre a superfície da bacia, e que sua duração seja maior ou igual ao tempo de concentração na bacia. Como a intensidade de chuva decresce com o aumento

da duração, a descarga máxima resulta de uma chuva com duração igual ao tempo de concentração da bacia.

Este método, descrito matematicamente pela Equação 1, representa uma relação entre a vazão máxima de escoamento superficial e a intensidade de precipitação, dependendo das seguintes variáveis para a sua determinação: tipo de solo e do uso da terra, duração e intensidade da chuva e características físicas da rede de drenagem existente.

$$Q = 0,00278 \cdot C \cdot i \cdot A$$

Equação 1 – Método Racional

Onde:

- Q: Vazão de projeto (m³/s);
- C: Coeficiente de escoamento superficial (adimensional);
- i: Intensidade da chuva de projeto (mm/h);
- A: Área de drenagem (ha).

1.2.1. COEFICIENTE DE ESCOAMENTO SUPERICIAL

Coeficiente também denominado por deflúvio superficial ou coeficiente de “runoff”. Variável determinada em função de uma série de fatores, como o tipo do solo, ocupação da bacia, umidade antecedente, intensidade da chuva e outros. Assim, devido às diversas condições e combinações dos fatores citados, apenas parte do volume precipitado sobre a bacia atinge a seção sob a forma de escoamento superficial. Portando adotou-se um coeficiente de escoamento superficial de 0,75, conforme valores indicados na Tabela 1.

Tabela 1 – Coeficiente de Escoamento Superficial

DESCRIÇÃO DAS ÁREAS DAS BACIAS TRIBUTÁRIAS	COEFICIENTE DE DEFLÚVIO “C”
Ruas	
Asfalto	0,70 a 0,95
Concreto	0,80 a 0,95
Gramados; solos arenosos	
Plano, 2%	0,05 a 0,10
Médio 2 a 7%	0,10 a 0,15
Íngreme, 7%	0,15 a 0,20
Gramados; solo compacto	
Plano, 2%	0,13 a 0,17

Médio 2 a 7%	0,18 a 0,22
Íngreme, 7%	0,15 a 0,35

1.2.2. TEMPO DE CONCENTRAÇÃO E PERÍODO DE RETORNO

O tempo de concentração é considerado o período, em minutos, que uma gota de água de chuva cai no ponto mais distante da bacia, demora a chegar até a seção de análise. Devido às características das curvas de intensidade, duração e frequência da chuva, o tempo de concentração inicial mínimo adotado para as bacias é de 10 minutos.

O tempo de retorno ou período de retorno de uma chuva representa o risco que o empreendimento ou projeto está assumindo no dimensionamento de uma obra hidráulica. Ou seja, qual é o grau de segurança que se deseja proporcionar ao empreendimento, sendo que ele é o inverso da frequência com que a chuva ou vazão venha a ser igualada ou ultrapassada num ano qualquer.

Para escolher qual o tempo de retorno que irá utilizar no dimensionamento do projeto hidráulico é importante analisar os prejuízos tangíveis e intangíveis que possam a vir a ser causados por eventos extremos de chuva. Portanto, para o empreendimento em questão foi adotado o período de retorno (TR) igual a 10 anos.

1.2.3. INTENSIDADE DE PRECIPITAÇÃO

As equações de intensidade, duração e frequência ou simplesmente as equações IDF, também conhecidas como equação de chuva, são usadas para determinar a intensidade máxima de chuva de um determinado local.

Para cada região, os parâmetros K, a, b e c da equação de intensidade, duração e frequência (Equação 2) são ajustados por meio de regressão linear e não linear. Estes parâmetros (K, a, b e c) são definidos por uma série histórica de dados de chuvas, de mais ou menos 30 anos. Além disso, alterando a frequência e o tempo de concentração é possível obter uma intensidade diferente de chuva para uma mesma região.

$$Im = \frac{K \cdot (TR)^a}{(tc + b)^c}$$

Equação 2 – Equação de Chuva Intensa

Onde:

- Im: Intensidade máxima média de precipitação (mm/h);
- TR: Tempo de Retorno (anos);

- Tc: Tempo de concentração (min);
- K, a, b e c: Parâmetros ajustados com base nos dados pluviométricos da localidade.

A intensidade máxima média de precipitação usando a equação de Pouso Alegre - MG está apresentada abaixo gerada pela interpolação de dados do software Plúvio 2.1. Assim, Intensidade máxima média de precipitação obteve-se a seguinte:

- K: 667,338
- a: 0,184
- b: 20,869
- c: 0,635

$$I_m = \frac{667,338 \cdot (10)^{0,184}}{(10 + 20,869)^{0,635}} = 115,478 \text{ mm/h}$$

1.2.4.VAZÃO

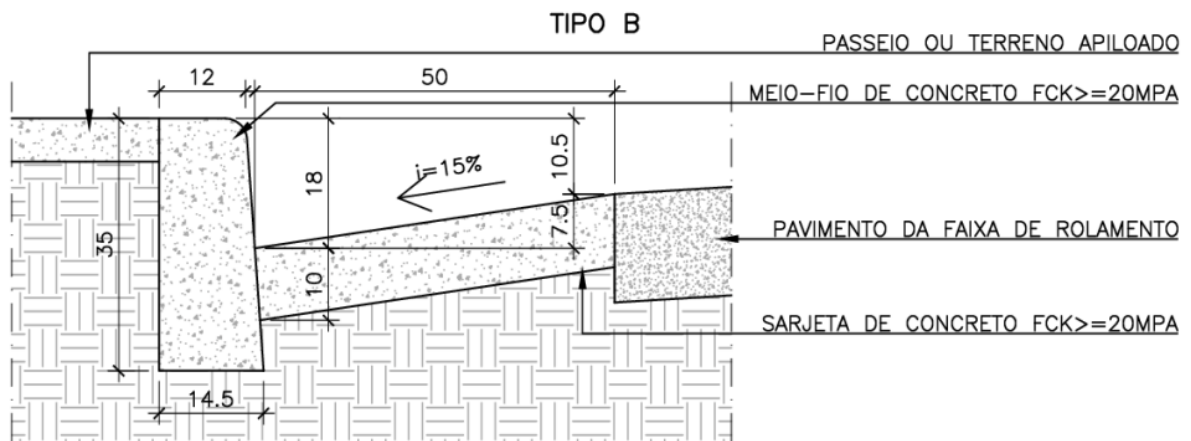
A vazão calculada sintetiza as considerações e cálculos realizados em relação ao tempo de concentração do escoamento e à intensidade de chuva, ao coeficiente de escoamento superficial e a área de contribuição de cada sub-bacia do projeto.

2. PROJETO DE DRENAGEM

O projeto de drenagem tem como objetivo definir os dispositivos de coleta, condução e deságue das águas superficiais que precipitam sobre o terreno, bem como sobre os taludes e áreas que convergem ao mesmo.

2.1. VERIFICAÇÃO DA CAPACIDADE DE ESCOAMENTO DA SARJETA

Para assegurar o bom funcionamento do escoamento superficial, as guias e sarjetas das vias públicas serão limitadas por uma lâmina d'água de largura máxima de 1,67 metros e a sarjeta adotada será do tipo B, conforme Figura 1.

Figura 1 – Sarjeta tipo B


Fonte: SUDECAP, 2020

Sua vazão pode ser calculada pelo método de Izzard/Manning, conforme a equação a seguir:

$$Q = 0,375 \frac{Z}{n} * y^{\frac{8}{3}} * \sqrt{i}$$

Equação 3 – Equação Izzard/Manning

Onde:

- Q: Vazão (m³/s);
- Z: Inverso da declividade transversal;
- i: Declividade longitudinal (m/m);
- y: Profundidade junto à linha de fundo (m);
- n: Coeficiente de rugosidade.

Considerando as características hidráulicas da sarjeta (Figura 2), a vazão pode ser calculada pela soma algébrica em cada uma das seções triangulares (seção da sarjeta mais seção da via, descontando sua interseção), conforme a Figura 3.

Figura 2 – Características Hidráulicas da Sarjeta

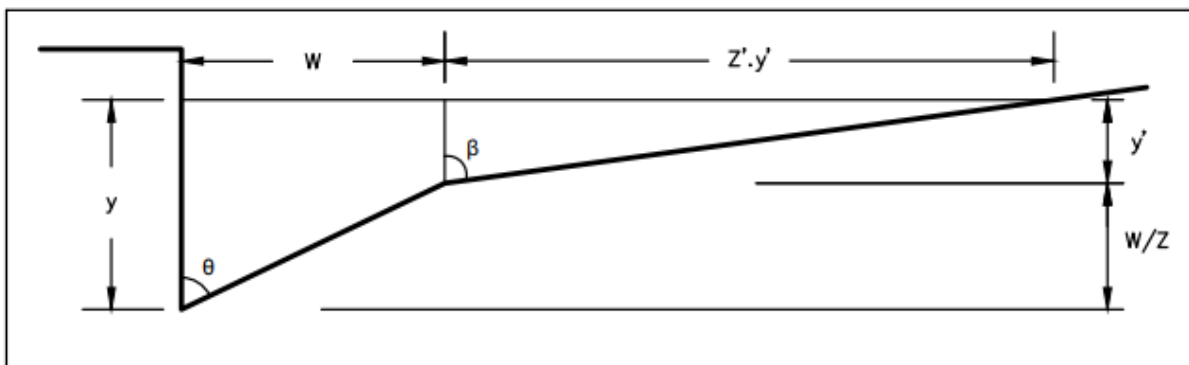
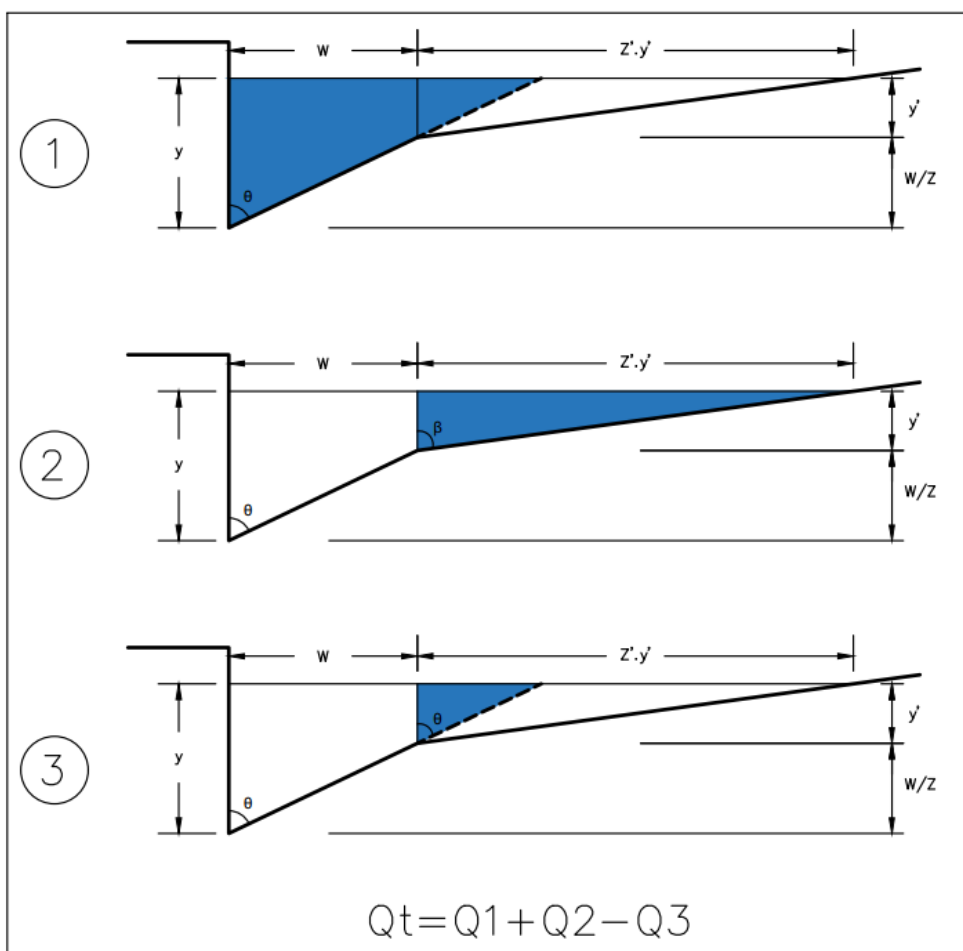


Figura 3 – Detalhes Hidráulicos da Sarjeta



A verificação da capacidade de escoamento da sarjeta foi realizada calculando a área máxima de escoamento que a sarjeta suporta, considerando-se uma faixa de alagamento máxima de 1,67 metros.

2.2. BOCAS DE LOBO

As bocas de lobo foram dimensionadas de forma a captar a água proveniente das sarjetas até as galerias de água pluvial. Para este projeto serão previstas três bocas de lobo dupla e cinco bocas de lobo simples.

2.3. CANALETA TRAPEZOIDAL

As canaletas trapezoidais conduzem as águas captadas por meio das saídas d'água ao fundo dos lotes, ajudando a proteger os taludes.

Devido a velocidade limite de escoamento, foram projetadas escadas hidráulicas, a fim de quebrar a energia do fluxo d'água e amortecer.

2.4. CAIXAS COLETORAS

As caixas coletoras são dispositivos capazes de coletar as águas provenientes dos dispositivos de captação de água pluvial como canaletas e condutos a montante, destinando as águas pluviais para os bueiros de greide. Além disso, coletam as águas das descidas d'água e conduz para dispositivos de deságue seguro. Foram dimensionadas caixas coletoras para captar as águas de canaletas trapezoidais.

2.5. DIMENSIONAMENTO HIDRÁULICO DAS GALERIAS

O dimensionamento hidráulico é realizado junto à verificação das vias considerando simultaneamente os tópicos a seguir. Este é mostrado na tabela do Anexo I.

2.5.1. POSICIONAMENTO

As galerias deverão ser posicionadas no eixo das vias públicas, devendo ser previstas sempre que houver pelo menos uma das seguintes situações:

- Vazão contribuinte maior do que a capacidade de escoamento das vias;
- Velocidade de escoamento nas vias maior que 5,00 m/s;
- Existência de pontos baixos, onde deverão ser implantadas bocas de lobo.

Após a locação do primeiro poço de visita (PV) com as respectivas bocas de lobo, são distribuídos outros poços de visitas conforme a necessidade de novos pontos de coleta do escoamento superficial, curvas em planta ou alterações de declividade ou diâmetro de

tubulação. Cada captador tem um limite de capacidade de esgotamento de acordo com o tipo de boca de lobo utilizado.

2.5.2. DIÂMETRO MÍNIMO

Foi adotado como parâmetro de projeto o diâmetro mínimo de 0,60 m e 0,8m para galeria. Para ligações de ramais entre bocas de lobo e poços de visita adotou-se o diâmetro mínimo de 0,40 m.

2.5.3. CÁLCULO DA VAZÃO NA GALERIA

Na mesma etapa do projeto, para o dimensionamento, verifica-se a vazão para cada trecho entre PVs, por meio do somatório de vazões dos captadores (Exemplo: bocas de lobo contribuintes) e dos ramais de galeria à montante.

2.5.4. VELOCIDADE DE ESCOAMENTO

A velocidade do escoamento é um parâmetro fundamental na definição da galeria a ser projetada ou verificada hidraulicamente. Se, em função da declividade do conduto e de suas dimensões o fluxo na galeria apresentar velocidades baixas, poderá ocorrer assoreamento ao longo de sua extensão. Porém, se a declividade for acentuada e a velocidade ultrapassar o limite máximo recomendado é necessário à adequação da declividade ou o redimensionamento do conduto, de forma a evitar a ocorrência de fenômenos erosivos no interior da galeria, mantendo o tempo de vida útil de seus dispositivos.

Assim, os limites de velocidade d'água no interior das galerias serão os seguintes:

- $V_{min.} = 0,75$ (m/s);
- $V_{máx.} = 6,00$ (m/s) (ou velocidade de seção plena).

A velocidade pode ser calculada por meio da Equação 4.

$$v = \frac{R_h^{\frac{2}{3}} \cdot \sqrt{I}}{n}$$

Equação 4 – Velocidade

Onde:

- v: Velocidade (m/s);
- I: Declividade do conduto (m/m);

- Rh: Raio hidráulico (m);
- N: Coeficiente de rugosidade (adimensional).

O raio hidráulico (Rh) é obtido por meio da Equação 5:

$$R_h = \frac{A_m}{P_m}$$

Equação 5 – Raio Hidráulico

Em que:

- Am – Área da seção molhada (m²);
- Pm – Perímetro molhado (m).

O coeficiente de rugosidade é adotado conforme o material empregado no dispositivo, como determinado na Tabela 2.

Tabela 2 – Valores do Coeficiente de Rugosidade para diferentes Materiais de Revestimento

Material	Coeficiente (n)
Tubos em PEAD	0,010
Galerias ou bueiros em concreto	0,014
Canais trapezoidais ou retangulares:	
Em concreto	0,013
Alvenaria de Pedra Argamassada	0,025
Em gabiões	0,029
Em gabiões revestidos com concreto magro	0,018
Sem revestimento	0,030
Asfalto	0,013
Em concreto irregular	0,033
Revestido com grama em placas	0,030
Revestido com enrocamento bem construído	0,030
Concreto para sarjeta	0,015

2.5.5. CAPACIDADE MÁXIMA DA GALERIA

Para a obtenção do valor máximo suportado pela via e para o dimensionamento das galerias é empregada a equação da continuidade. Assim, a vazão máxima à seção plena nos condutos é obtida pela a seguir.

$$Q = v \cdot S$$

Equação 6 – Vazão

Em que:

- Q: Vazão (m³/s);
- V: Velocidade da seção plena - Velocidade de escoamento (m/s);
- S: Área da seção (m²).

Portanto, como critério de dimensionamento, a capacidade máxima da galeria deve ser superior à vazão que se deseja transportar.

2.5.6. RECOBRIMENTO MÍNIMO DA GALERIA

Nos locais por onde a tubulação passa e que fazem parte do sistema viário foi utilizado o recobrimento mínimo de 1,00 metro de forma a garantir a segurança estrutural das galerias.

2.5.7. CANALETAS

Segundo o DER-SP (2001), canaleta é o dispositivo de drenagem superficial aplicado, principalmente, no direcionamento das águas pluviais nos taludes de corte e aterro, a fim de se evitar erosões.

De posse de dados básicos determinados no desenvolvimento do projeto, como por exemplo a vazão determinada no estudo hidrológico, declividade e comprimento realiza-se os cálculos hidráulicos, seguindo o roteiro:

Inicialmente adota-se uma geometria de canaleta e um tipo de revestimento condizente com a realidade dos escoamentos previsto no estudo hidrológico, posteriormente calcula-se a área molhada e o raio hidráulico (Equação 5).

Em seguida, calcula-se a velocidade (Equação 4), seguida da verificação quanto ao seu enquadramento nos limites aceitáveis para a geometria escolhida.

Para o dimensionamento das canaletas trapezoidais foi aplicada a fórmula de Manning (Equação 7), comumente utilizada para dimensionamento de projetos de drenagem urbana. Assim, adota-se o material, declividade do canal, base, altura e largura superficial e calcula-se a vazão máxima da canaleta trapezoidal.

$$Q = \frac{1}{n} \cdot A_m \cdot R_h^{\frac{2}{3}} \cdot I^{\frac{1}{2}}$$

Equação 7 – Formula de Manning

Onde:

- Q: Vazão (m³/s);
- n: Coeficiente de rugosidade de Manning;
- A_m: Área da seção molhada (m²);
- R_h: Raio hidráulico (m);
- I: Declividade do conduto (m/m).

A Tabela 3 mostra as dimensões das canaletas.

Tabela 3 - Dimensionamento da Canaletas.

Canaleta	Material	Comprimento(m)	i(m/m)	Base(m)	Altura(m)	z	Largura de Superfície(m)	Vazão de Projeto(m ² /s)
Trapezoidal	Concreto	31	0,05	0,4	0,4	0,5	0,8	0,52

Fonte: DAC Engenharia (2023)

2.5.8.DESCARTE

Estão sendo projetadas duas linhas de drenagem, sendo que o descarte da rede na RUA UM se encontra nas coordenadas do ponto DESCARTE-13, 7.533.373,1452N e 407.422,1028E. A rede projetada na AVENIDA IRENE SILVEIRA COSTA intercepta a rede existente no PV-9, com coordenadas 7.533.232,4838N e 407.430,3482E.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANA - AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (BRASIL). Hidroweb: Sistema de Informações Hidrológicas. Disponível em <<http://hidroweb.ana.gov.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano. Manual Técnico de Projetos. Agosto de 2008.

DER-SP – Projeto Padrão – PPS Drenagem. Disponível em: <<http://www.der.sp.gov.br/Website/Acessos/Documentos/Tecnicas.aspx> >

PORTO, R.M. Hidráulica básica. 2. ed. São Carlos: EESC-USP, 1999.

RAMOS., C.L.; BARROS, M.T.L.; PALOS, J.C.F., COORD. (1999) – Diretrizes Básicas para Projetos de Drenagem Urbana no Município De São Paulo. Prefeitura do Município de São Paulo e Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica – CTH, São Paulo.

RIO DE JANEIRO (MUNICÍPIO). Instruções Técnicas para Elaboração de Estudos Hidrológicos e Dimensionamento Hidráulico de Sistemas de Drenagem Urbana. p. 60. Dezembro de 2010.

SÃO PAULO (ESTADO). DEPARTAMENTO DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA. CENTRO TECNOLÓGICO DE HIDRÁULICA E RECURSOS HÍDRICOS. Equações de Chuvas Intensas do Estado de São Paulo. São Paulo: DAEE/CTH, 1999. 141p.

SANTOS, L. C. C. Estimativa de vazões máximas de projeto por métodos determinísticos e probabilísticos. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

TUCCI, Carlos E. M. Hidrologia: ciência e aplicação. 4. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, ABRH, 2009. 943 p.

ANEXO I – PLANILHA DE DIMENSIONAMENTO HIDRÁULICO

PROJETO DE GALERIA DE ÁGUAS PLUVIAIS																						
DUPLICAÇÃO DA AVENIDA IRENE SILVESTRE COSTA																						
coef. de esc. superf. :		0,75		tc inicial =		10 min																
coef. de manning Concr./PEAD:		0,014 0,010		TR =		10 anos																
Trecho			Ext. (m)	Área de Contribuição (ha)		Δt_c (min)	tc (min)	Intens. (mm/h)	Vazão (m³/s)	Seção (m)	Material	Decliv. (m/m)	Capac. Máxima seção pl. (m³/s)	Vproj (m/s)	y/D	COTAS (m)				Prof. da Galeria (m)		Degrau Mont.(m)
				Mont.	Jus.											Parc.	Acum.	Terreno		Galeria		
Mont.	-	Jus.														Mont.	Jus.	Mont.	Jus.	Mont.	Jus.	
1	-	2	31,00	2,411	2,4109	0,09	10,00	115,478	0,580	0,60	Concreto	0,1185	1,963	6,00	0,37	862,14	858,42	860,39	856,72	1,75	1,70	0,10
2	-	3	44,50	0,277	2,6879	0,12	10,09	115,265	0,645	0,60	Concreto	0,1111	1,900	5,98	0,39	858,42	853,37	856,62	851,67	1,80	1,70	2,00
3	-	4	50,00	1,267	3,9549	0,14	10,21	114,982	0,947	0,80	Concreto	0,0841	3,561	5,99	0,35	853,37	847,37	849,67	845,47	3,70	1,90	1,85
4	-	5	42,00	0,077	4,0320	0,12	10,35	114,654	0,963	0,80	Concreto	0,0835	3,548	6,00	0,35	847,37	842,01	843,62	840,11	3,75	1,90	2,00
5	-	6	28,00	0,558	4,5897	0,08	10,47	114,375	1,094	0,80	Concreto	0,0768	3,403	5,99	0,39	842,01	837,86	838,11	835,96	3,90	1,90	2,20
6	-	7	28,00	0,000	4,5897	0,08	10,55	114,190	1,092	0,80	Concreto	0,0770	3,408	6,00	0,39	837,86	833,50	833,76	831,60	4,10	1,90	3,20
7	-	8	45,00	0,400	4,9892	0,13	10,63	114,006	1,185	0,80	Concreto	0,0728	3,312	6,00	0,41	833,50	827,03	828,40	825,13	5,10	1,90	0,20
8	-	9	8,00	0,062	5,0516	0,02	10,76	113,708	1,197	0,80	Concreto	0,0694	3,234	5,98	0,42	827,03	826,37	824,93	824,37	2,10	2,00	0,00
9	-	10	11,00	0,602	5,6534	0,03	10,78	113,663	1,339	0,80	Concreto	0,0530	2,827	5,51	0,48	826,37	825,69	824,37	823,79	2,00	1,90	0,00
11	-	12	22,00	2,158	2,1584	0,08	10,00	115,478	0,519	0,60	Concreto	0,0646	1,450	4,67	0,41	828,06	826,53	826,26	824,83	1,80	1,70	1,80
12	-	13	35,00	0,125	2,2835	0,19	10,08	115,288	0,548	0,60	Concreto	0,0204	0,814	3,08	0,60	826,53	822,92	823,03	822,32	3,50	0,60	0,00